
ENTREVISTA COM PROFESSOR E HISTORIADOR DR. PETER BURKE

Roberto Radünz
Terciane Ângela Luchese

Apresentação

A presente entrevista foi viabilizada pela presença do professor Dr. Peter Burke na Universidade de Caxias do Sul em 05 de maio de 2025 para a conferência de abertura do 7º Seminário Brasileiro de Edição Universitária e Acadêmica, evento da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) e sediado por meio da Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS).

Talvez a apresentação fosse dispensável, mas não é demais lembrar que Peter Burke, nascido em 16 de agosto de 1937, é um historiador inglês que tem sido referência para muitos estudiosos brasileiros. Com doutorado pela Universidade de Oxford (1957 a 1962), atuou como professor de História das Ideias na School of European Studies, da Universidade de Essex, por dezesseis anos professor na Universidade de Sussex. Atuou ainda junto à diversas Universidades como Princeton e USP, como professor visitante. Professor emérito da Universidade de Cambridge, é especialista na Idade Moderna, com vasta obra sobre temas histórico-culturais. Autor de mais de trinta livros, muitos deles publicados no Brasil e em diversos países. Em parceria com a esposa, a brasileira e historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, escreveu “Repensando os Trópicos: um Retrato Intelectual de Gilberto Freyre”. Como Barros anuncia em texto sobre Burke:

Estamos aqui diante de um historiador com privilegiada capacidade de síntese e clareza. Especializado nos estudos sobre a Europa Moderna, mas também na história contemporânea, talvez a sua maior contribuição à historiografia seja, por outro lado, a própria reflexão que tem desenvolvido sobre a Historiografia e a Teoria da História. Sua pequena mas extremamente lúcida síntese sobre a Escola dos Annales (1990), e seus panoramas historiográficos sobre a História Cultural – O que é História Cultural e Variedades de História Cultural – são alguns exemplos disto que se expressa em alguns dos melhores momentos de sua produção: a capacidade de refletir sintética e criticamente sobre a própria história da historiografia,

percebendo com clareza os caminhos até então percorridos e assinalando as futuras tendências. De igual maneira, as obras sobre temáticas especificamente historiográficas, de Itália Renascentista (1972) a obras mais recentes como A Fabricação do Rei (1992) ou A Renascença Europeia – centros e periferias (1998), revelam a acurada análise de um historiador cultural que estende sobre a modernidade europeia, seu principal campo de estudos, um olhar problematizador e atento à interdisciplinaridade (Barros, s/d, p. 1-2).

E com essa breve apresentação, reconhecendo o legado consistente no campo da História, iniciamos a conversa.

Caro Prof. Dr. Peter Burke,

Primeiramente queremos agradecer pela oportunidade de conversarmos com você por meio desta entrevista. Segundo, gostaríamos de apresentar a Revista MétiS, revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul que publicará essa entrevista. A Revista MétiS: História e Cultura existe desde 2002 com uma periodicidade semestral. Se propõe a divulgar trabalhos inéditos e traduções relevantes na área de História e Cultura além de proporcionar um diálogo acadêmico-científico sobre a sua área de enfoque.

1. Para iniciarmos nossa conversa, nos conte um pouco sobre sua formação profissional como historiador. Quem foram os professores e as leituras mais relevantes em sua formação como historiador?

I studied history at Oxford as an undergraduate (St John's college) and postgraduate (St Antony's). I was taught by the young Keith Thomas, who later became a friend and a model for my work. The professors I most admired were Christopher Hill, Lawrence Stone and my research supervisor Hugh Trevor-Roper. At Oxford I discovered the Annales and especially Marc Bloch, Lucien Febvre and Fernand Braudel and became an admirer, although at that time (1957-62) Oxford historians did not yet take Annales very seriously. I also went to the lectures on Renaissance art by Edgar Wind, which helped to shape my later career.

2. Sua obra sobre a Escola dos Annales é referência incontornável, mas sua trajetória também consolidou importantes reflexões no campo da História Cultural. Como o senhor avalia a herança dos Annales na constituição da História Cultural contemporânea? Considera que os princípios dessa escola ainda influenciam a maneira como hoje abordamos práticas, representações e símbolos culturais?

The Annales group has made a most important contribution to cultural history, in which I include the history of mentalities and historical psychology. I would single out Braudel on material culture ('civilisation matérielle'), the now almost forgotten Robert Mandrou ('culture populaire') Jacques Le Goff ('anthropologie historique') and Roger Chartier, who was one of the first French historians to use the term 'culture'. The Annales tradition still affects cultural historians in France and elsewhere, even if some of the most important recent contributions have come from French historians outside the Annales network (Alain Corbin, Dominique Khalifa, etc). Think, for example, of the revival of interest in the history of sensibilities, which would delight Lucien Febvre if he returned to earth.

A longa vida do movimento permitiu que os historiadores se apoiassem, através de suas obras, mutuamente (ou também reagissem contra). Nomear apenas as mais importantes contribuições da história dos *Annales* significa escrever uma lista por si só impressionante: história-problema, história comparativa, história psicológica, geo-história da longa duração, história serial, antropologia histórica. Da minha perspectiva, a mais importante contribuição dos *Annales*, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas às descobertas de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à linguística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais. [...] A historiografia jamais será a mesma (Burke, 1990, p. 126 – 127).

3. Em suas obras, o senhor discute como as culturas circulam e se transformam no tempo e no espaço. Diante da globalização e da digitalização, como o senhor enxerga os desafios teóricos e metodológicos para a História Cultural ao lidar com fronteiras culturais cada vez mais fluidas e com novas formas de produção e circulação de símbolos no século XXI?

I agree with you that the two major challenges to cultural historians are globalization and digitalization, though a third one might be added, the increasing importance of images as a form of communication, partly at the expense of texts. Globalization is a challenge because it is difficult to understand a culture without knowing the language, and most western historians do not know Chinese, Japanese, Arabic, etc. and so are unable to say whether westerners misunderstand what the

borrow from these cultures or what these cultures borrow from the West. As for digitalization, digital history builds on the quantitative and serial history of the 1960s and 1970s, but it also demands skills that are difficult for an older generation to acquire!

4. O senhor frequentemente aborda como as sociedades reinterpretam o passado através da memória, das tradições e das representações culturais. Em tempos de polarização e de ressurgimento de discursos radicais, como a História Cultural pode contribuir para compreender o uso e a manipulação dessas heranças culturais no presente?

Society needs cultural historians even more than in the past precisely because the manipulation of traditions and memories is so important in identity politics and elsewhere. They can show the public how both individual and collective memories become mythologized (assimilated to the myths of the culture) and demonstrate the power, often unconscious, of metaphors such as purification (‘ethnic cleansing’, for instance).

5. Considerando a sua reflexão sobre a ampliação das fontes na História Cultural — que inclui imagens, gestos, objetos e discursos —, quais seriam, em sua visão, as novas fronteiras para o historiador diante do volume crescente de dados digitais, redes sociais e culturas virtuais? Como a prática historiográfica pode se adaptar para interpretar essas novas formas de expressão e registro do passado?

I am not convinced that digital sources require new methods of interpretation. On the other hand, I think that traditional source criticism, the criticism of texts, needs to be adapted to other forms of communication, especially images. Where new methods are particularly necessary is in the detection of fakes and the manipulation or ‘spinning’ of messages that circulate in a variety of media. As fakes become more technically sophisticated, so must the methods of detection.

6. Sua conferência no evento junto à Universidade de Caxias do Sul, o tema é o futuro da História Cultural. Poderia sinalizar os principais pontos que compartilharás com o público?

My talk centres on the so-called ‘boom’ in cultural history in its many varieties (including the history of books and reading), from the 1980s onwards,

and the question whether or not this trend is a kind of bubble that will burst in the near future. I discuss the increasing discomfort with the term culture, on the part of both historians and anthropologists, and the competition for attention between cultural history and the history of the environment, but conclude that since symbols play such an important role in human life, there will always be a need for cultural history, whatever name we give it.

Na obra *O que é História Cultural?* Peter Burke apresenta as contribuições de Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Michel Foucault para a História Cultural e afirma:

Na última geração, a história cultural [...] foi a arena em que se desenvolveram algumas das discussões mais estimulantes e esclarecedoras sobre o método histórico. Ao mesmo tempo, os historiadores culturais e também os historiadores sociais vêm ampliando o território da profissão, além de tornar o assunto mais acessível para um público mais amplo. [...] A recente preferência pela história cultural vem sendo uma experiência gratificante para praticantes como eu, mas sabemos que as modas culturais não duram muito. Mais cedo ou mais tarde acontecerá uma reação contra a “cultura”. Quando ocorrer, teremos de fazer todo o possível para garantir que não se percam os ganhos recentes da percepção histórica - resultantes da virada cultural. Os historiadores, especialmente os empiricistas ou “positivistas”, costumavam sofrer de uma doença caracterizada por levar tudo ao pé da letra. Vários não eram suficientemente sensíveis ao simbolismo. Muitos tratavam os documentos históricos como transparentes, dando pouco ou nenhuma atenção à sua retórica. [...] Na última geração, os historiadores culturais e também os antropólogos culturais, demonstraram as fraquezas dessa abordagem positivista. Qualquer que seja o futuro dos estudos históricos, não deve haver um retorno a esse tipo de compreensão literal (Burke, 2005, p.163).

7. Por fim, para os jovens historiadores em processo formativo, se pudesse indicar algumas leituras que consideras fundamentais para o historiador, quais seriam?

Some old books that remain fresh because of the vivid historical imagination of their authors, three in particular: Jacob Burckhardt, *Culture of the Renaissance in Italy* (1860); Johan Huizinga, *Autumn of the Middle Ages* (1919); Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933).

8. Agradecemos muitíssimo e deixamos este espaço para uma mensagem final aos leitores e leitoras brasileiros de suas obras.

Never abandon your curiosity about other times, other places and other cultures, a curiosity that you have revealed by reading my books!

E como leitores, em uma das obras recentes publicadas por Burke no Brasil, *Ignorância*, uma história global de 2023, extraímos breve excerto que compartilhamos: “No mapa do passado, há muitos espaços em branco. Para compor a história de muitas partes do mundo, durante diversos períodos, as fontes podem ser bem esparsas, quando não quase totalmente ausentes” (Burke, 2023, p. 275) e ainda que “[...] novos conhecimentos levaram a uma crescente consciência da ignorância que existia no passado - uma ignorância da história da classe trabalhadora, dos camponeses, das mulheres e, ainda mais recentemente, do meio ambiente” (Burke, 2023, p. 279). Com tais palavras, convidamos a ler e conhecer ainda mais das pesquisas desenvolvidas por Peter Burke.

Principais obras de Peter Burke publicadas em português:

BURKE, Peter. *O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália*. São Paul: Nova Alexandria, 1999.

BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. *O Renascimento*. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales – a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: ed. UNESP, 1990.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei – a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BURKE, Peter. *O Mundo como Teatro – Estudos de Antropologia Histórica*. São Paulo: Difel, 1992.

BURKE, Peter. *A Arte da Conversação*. São Paulo: EDUSP, 1995.

- BURKE, Peter. *As Fortunas do Cortesão*. São Paulo: ed. UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento – de Gutenberg a Diderot* (volume I). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BURKE, Peter. *O Que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular – História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. *Montaigne*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BURKE, Peter e PORTER, Roy (orgs). *História Social da Linguagem*. São Paulo: ed. UNESP, 1997.
- BURKE, Peter e PORTER, Roy (orgs). *Línguas e Jargões*. São Paulo: ed. UNESP, 1997.
- BURKE, Peter e BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BURKE, Peter e PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os Trópicos – um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: ed. UNESP, 2009.
- BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento – da Enciclopédia a Wikipedia* (volume II). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento?* São Paulo: ed. UNESP, 2016.
- BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. São Paulo: ed. UNESP, 2017.
- BURKE, Peter. *O Polímata: Uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. São Paulo: ed. UNESP, 2020.
- BURKE, Peter. *Ignorância. Uma História Global*. São Paulo: Vestígio, 2023.

Referência

BARROS, José Assunção. *Peter Burke*. UFRJ, s/d. Disponível em https://arquivos.ufrj.br/arquivos/2022038116d9903244076800f595fb750/Peter_Burke.pdf acesso em 02 de maio de 2025.